



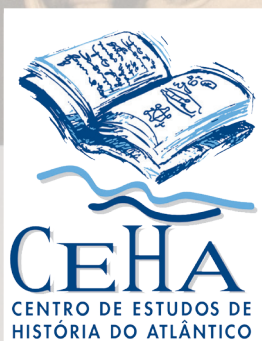
ANUÁRIO

N.º 5 • 2013

O PRÍNCIPE ALBERT I DO MÓNACO NA MADEIRA EM 1888: OBSERVAÇÕES SOBRE O PORTO DO FUNCHAL, AS ILHAS DESERTAS E A HISTÓRIA NATURAL DO ARQUIPÉLAGO

THE PRINCE ALBERT I OF MONACO IN MADEIRA IN 1888:
OBSERVATIONS CONCERNING THE PORT OF FUNCHAL, THE DESERT
ISLANDS AND NATURAL HISTORY OF THE ARCHIPELAGO

NÉLIO PÃO



ANUÁRIO 2013

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

ISSN: 1647-3949, FUNCHAL, MADEIRA (2013)

PP. 243 - 260

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

NÉLIO PÃO Técnico Superior – Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes (Região Autónoma da Madeira) – *Centro de Estudos de História do Atlântico*; Licenciado em Biologia pela Universidade da Madeira. Endereço electrónico: pao.nelio@gmail.com. Página no Academia.edu: <http://independent.academia.edu/N%C3%A9lioP%C3%A3o>

RESUMO

O Príncipe Albert I do Mónaco foi uma das individualidades que, durante o final do século XIX e os inícios do século XX, mais se destacou no estudo e desenvolvimento da oceanografia como ciência. Pretendemos com este trabalho apresentar a sua passagem pela ilha da Madeira em 1888, registada na obra *La Carrière d'un Navigateur*, e expor a sua visão sobre vários aspectos concernentes aos mares da Madeira, ao Porto do Funchal, às Ilhas Desertas e às espécies animais e a vegetais encontradas.

Palavras-chave:

Ilha Madeira; Ilhas Desertas, Porto do Funchal; Príncipe Albert I do Mónaco; História Natural.

ABSTRACT

During the late nineteenth and early twentieth century Prince Albert I of Monaco was one of the personalities who stood out in the study and development of oceanography as a science. With this work we intend to present his passage through Madeira island in 1888, which is registered in the work *La Carrière d'un Navigateur*, and show his own view on various aspects concerning the seas of Madeira, the port of Funchal, the Desertas islands and the species (animals and plants) found.

Keywords:

Madeira Island, Desert Islands, Port of Funchal, Prince Albert I of Monaco; Natural History.

O estudo que aqui apresentamos resulta das pesquisas que temos vindo a realizar no Centro de Estudos de História do Atlântico relativas à História da Ciência no Arquipélago da Madeira. A presença de naturalistas e de expedições científicas neste espaço insular, o trabalho que realizaram as publicações resultantes têm sido, assim, objecto de observação e análise da nossa parte.

Desde o início do século XVIII que o Atlântico, em particular as ilhas atlânticas, despertaram o interesse de naturalistas e exploradores europeus. Estes lugares, laboratórios vivos e praticamente inexplorados, tornaram-se assim locais de peregrinação, quase obrigatória, para expedições científicas e para naturalistas ávidos de estudar e conhecer a História Natural destas ilhas. Por outro lado, a atribuição aos climas das zonas litorais, em particular insulares, de propriedades medicinais, fez aumentar o número de visitantes em busca de cura ou convalescença¹. Desta afluência resultou o aparecimento de inúmeros escritos sobre estes espaços, sendo em especial os respeitantes ao Arquipélago da Madeira aqueles que nos têm merecido atenção. Os portos atlânticos insulares, primeiros pontos de contacto do visitante com a região visitada, tornaram-se, desta forma, presença assídua nos relatos dos autores que escreviam sobre as ilhas².

Com este escrito pretendemos apresentar a visão do autor e também naturalista Albert I do Mónaco sobre vários aspectos vividos e observados no Arquipélago da Madeira, em 1888. A fonte principal é a obra em língua francesa intitulada *La Carrière d'un Navigateur* e editada pela primeira vez em 1901. As informações aqui apresentadas são fruto de uma

tradução livre por nós realizada à referida obra, e incidirão principalmente nas descrições concernentes ao mar, ao Porto do Funchal, às Ilhas Desertas e aos exemplares animais e vegetais encontrados. Iremos expor no corpo de texto as observações efectuadas pelo Príncipe, e em nota de rodapé as citações originais em francês.

Estruturámos este artigo da seguinte forma: em primeiro lugar, teceremos uma pequena introdução relativa ao Príncipe Albert I do Mónaco, a sua passagem pela ilha em 1879 e posterior estadia em 1888; depois, abordaremos o Porto do Funchal observando a forma como se processava o embarque e desembarque de mercadorias e passageiros no calhau desta cidade; de seguida, focar-nos-emos na viagem realizada entre a capital madeirense e a Deserta Grande; e, por fim, analisaremos as notas deixadas em relação à fauna e flora do Arquipélago da Madeira. Somentamos, uma vez mais, que o que aqui se apresentam são as observações realizadas pelo Príncipe Albert I do Mónaco.

Príncipe Albert I do Mónaco

De seu nome completo Albert Honoré Charles Grimaldi, o Príncipe Albert I do Mónaco nasceu em Paris a 13 de Novembro de 1848, tendo falecido nesta mesma cidade no dia 26 de Junho de 1922. Era filho de Charles Honoré Grimaldi, Príncipe do Mónaco (1818-1889), e da condessa Antoinette Ghislaine de Merode-Westerloo (1828-1864). Frequentou o ensino secundário no Collège Stanislas de Paris, e posteriormente no La Chapelle Saint-Mesmin perto da cidade de Orleans. Em 1865 iniciou a sua formação como oficial da Marinha com o Tenente Florent Anthouard, em Lorient, tendo servido nas Marinhas francesa e espanhola³.

1 Sobre esta temática leiam-se: VIEIRA, 1999, «Descobrir Atlântico nos séculos XVIII e XIX», pp. 353-392 e VIEIRA, 1999, *Do Éden à Arca de Noé*.

2 Para uma abordagem teórica sobre os portos atlânticos leia-se GUIMERÁ, VIEIRA, 1997, «El sistema portuario-mercantil de las islas del Atlántico Iberico», pp. 205-232.

3 CARPINE-LANCRE, 2004, «Le Prince Albert Ier», in <http://www.>

Após a queda do Império francês, e de regresso ao Mónaco, o Príncipe retoma as suas viagens na chalupa Elizabeth II, e em 1873 adquire uma escuna, construída 11 anos antes em Gosport, a qual renomeou de Hirondelle. Foi nesta embarcação que, em 1879, realiza a sua primeira viagem de exploração das ilhas atlânticas, visitando pela primeira vez o Arquipélago da Madeira e as ilhas dos Açores e das Canárias⁴.

O seu interesse pela oceanografia iniciou-se em 1884 com a exposição realizada no Musée National d'Histoire Naturelle de Paris, relativa aos resultados das expedições dos navios Travailler e Talisman. Os contactos estabelecidos com Alphonse Milne-Edwards, um dos responsáveis científicos por estas missões, desempenharam um papel importante na motivação do Príncipe para o estudo do meio natural, em especial o marinho⁵.

Albert I do Mónaco foi, sem dúvida, uma das personalidades que, durante o final do século XIX e o início do século XX, mais se dedicou ao desenvolvimento da oceanografia como ciência e ao estudo do Oceano Atlântico. Os resultados das suas 29 campanhas, realizadas durante um período de 30 anos – entre 1885 e 1915 –, publicados numa obra de 110 volumes, são o espelho do seu gigantesco contributo, e registam a importância das suas expedições para o conhecimento da oceanografia do Atlântico Norte⁶.

A sua obra *La Carrière d'un Navigateur*, que como referimos anteriormente é a fonte principal do que aqui apresentamos, expõe, segundo o próprio, «as emoções de um navegador amadurecido na cultura da verdade, resultado das resoluções impassíveis: uma obra aconselhada pelo verdadeiro espírito científico que conduz os povos à conquista legítima do bem-estar da moralidade»⁷. Este livro apresenta-

-nos, além da vocação de um naturalista para as temáticas relacionadas com o mar, a visão de um humanista preocupado e interessado em questões como a cultura e a arte. Não se trata de facto de um registo de vida ligada ao oceano, mas sim de descrições de alguns episódios enquanto navegante, acompanhadas por interessantes informações⁸. *La Carrière d'un Navigateur* dedica um capítulo de 47 páginas à passagem pelo Arquipélago da Madeira, de onde se destacam os 20 desenhos de Louis Tinayre⁹. Este capítulo, com o título *À la chasse*, apresenta, além de descrições da jornada de caça realizada na Deserta Grande, que demonstram a paixão do Príncipe Albert I do Mónaco por esta actividade venatória, pormenorizadas observações concernentes ao Porto do Funchal, como por exemplo o embarque e o desembarque na praia da cidade, e também alguns informes relativos à História Natural da Madeira.

A Passagem pela Madeira

A primeira passagem de Albert I do Mónaco pelos mares do Arquipélago da Madeira ocorreu, como mencionado anteriormente, no ano de 1879, mais concretamente durante o mês de Março. Na aproximação à ilha, e com a cidade do Funchal como pano de fundo, o Príncipe começa por descrever a observação de umas ilhas – as Desertas –, não muito longe desta cidade, que refere serem constituídas por «uma cadeia de pequenas montanhas, as quais, em contraste com o céu azul, assemelham-se à barbata dorsal de um grande peixe»¹⁰. Assinala ainda que o nome dado a estas ilhas se deve à aridez e também por não apresentarem condições para a fixação humana. Albert I do Mónaco mostra-se atraído pelas Desertas, em especial pela sua fauna de cabras selvagens, focas e aves marinhas, e por toda a «poesia que existe em locais onde a intervenção humana é

centrescientifique.mc/csmfr/prince_albert1er/01.php.

4 PORTEIRO, 2009, «A importância das campanhas oceanográficas do Príncipe Albert I do Mónaco [...]» p. 182; CARPINE-LANCRE, 2004, «Le Prince Albert Ier», in http://www.centrescientifique.mc/csmfr/prince_albert1er/01.php.

5 PORTEIRO, 2009, «A importância das campanhas oceanográficas do Príncipe Albert I do Mónaco [...]» p. 181; CARPINE-LANCRE, 2004, «Le Prince Albert Ier», in http://www.centrescientifique.mc/csmfr/prince_albert1er/02.php.

6 Referimo-nos aos 110 volumes da obra intitulada *Résultats des campagnes scientifiques accomplies sur son yacht par Albert Ier prince souverain de Monaco*, e publicada entre os anos de 1889 e 1950.

7 «J'expose ici les émotions d'un navigateur mûri dans la culture de la vérité; le fruit de résolutions impassibles: une œuvre conseillée par

l'esprit scientifique droit qui rapproche les peuples dans la conquête légitime du bien-être de la moralité.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, pp. v-vi).

8 S. A., 1908, «La Carrière d'un Navigateur. Par Albert Ier Prince de Monaco», p. 186.

9 Louis Tinayre (1861-1942) – artista francês, estudou pintura em Budapeste, tornando-se mais tarde o ilustrador oficial das campanhas oceanográficas do Príncipe Albert I do Mónaco (MCKERMAN, s.d., «Louis Tinayre»).

10 «[...] une chaîne de petites îles allongées, montagneuses, dont le profil hérissé tranchait sur un ciel tout bleu, comme la nageoire dorsale d'un monstrueux poisson qui se serait échoué sur un bas-fond.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 75).

praticamente nula»¹¹. Não encontramos referência a que, neste ano de 1879, tenha sido realizada qualquer paragem no Arquipélago da Madeira, nem mesmo para reabastecimento da embarcação. O Príncipe menciona que «a inexistência de abrigo, numa altura do ano em que o Atlântico é regularmente fustigado por ventos fortes», fez com que prosseguisse viagem «em direcção aos Açores, onde o Hironnelle poderia usufruir de melhor abrigo»¹².

Nove anos mais tarde, novamente no mês de Março, o Príncipe Albert I do Mónaco regressa, com a sua embarcação Hironnelle, aos mares da Madeira. Neste regresso afirma ter sido retomado pela emoção de visitar as Ilhas Desertas, e já em solo madeirense organiza, juntamente com mais 4 companheiros, uma expedição de caça à cabra na Deserta Grande. Atesta que, devido à falta de recursos essenciais de suporte à fixação humana nesta ilha, a organização da jornada não se mostrou nada fácil¹³. Além de todo o material necessário para a realização da expedição, foi recrutado um grupo de homens que, entre «caçadores, marinheiros, montanheses e criados», perfaziam um total de 25 participantes desta campanha¹⁴.

Comparando as duas passagens pela ilha, não poderíamos deixar de notar os factos de ambas – 1879 e 1888 – terem ocorrido no mês de Março, e de apenas em relação à primeira passagem o Príncipe realizar um reparo, concernente à ausência de estruturas de abrigo no porto do Funchal. Este facto leva-nos a supor que, embora não haja referência clara à existência de abrigo no ano de 1888, a realização de uma escala nesse ano, e tendo como termo de comparação o ano de 1879, foi possível, muito provavelmente, devido às obras de ligação dos fortes de N.ª Sr.ª da Conceição e de S. José, concluídas em 1889, providenciarem, já

em 1888, algum tipo de protecção¹⁵.

Embarque e Desembarque no Calhau do Funchal

Numa época em que o Porto do Funchal não apresentava um local de acostagem para as embarcações, e que o transbordo de passageiros e mercadoria era realizado por pequenas embarcações que faziam a ligação entre o calhau e os navios ancorados ao largo¹⁶, Albert I do Mónaco realiza uma interessante e detalhada descrição da forma como se processava o embarque e desembarque no calhau desta cidade, e as peripécias e perigos associados a esta actividade.

O Príncipe narra que a canoa utilizada para os transportar até à chalupa fundeada no porto – que os iria levar às Ilhas Desertas se achava varada no topo de uma praia íngreme de calhau rolado, em «frente às fachadas antigas do bairro marítimo» do Funchal¹⁷. Relativamente a esta descrição encontramos a ilustração que aqui apresentamos (Figura I), e que mostra o Príncipe e seus companheiros nesse mesmo local. Analisando a imagem, e tendo como ponto de referência a torre da Sé do Funchal representada no canto superior direito, podemos aferir que esta acção ocorre nas imediações da área onde actualmente se encontra o cais da cidade. A afirmação de Albert I do Mónaco, de que o embarcamento foi realizado neste local e não na área protegida pelo ilhéu¹⁸, leva-nos a

11 «[...] devant ces îles barbares où ne vivaient que des chèvres sauvages, des phoques, des oiseaux marins; devant la poésie qui planait sur ce domaine presque vierge dans la ceinture blanche qui faisaient les vagues de l'Océan, je fus ardemment sollicité.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navicateur*, p. 76).

12 «Mais l'absence de tout refuge dans une saison où des vents terribles balayent l'Atlantique me contraignit à réfléchir, partant à continuer ma route vers les Açores où la petite goélette pouvait mieux se défendre.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navicateur*, p. 76).

13 «A Madère, trois Anglais, un Russe et moi, nous décidâmes une chasse qui devait combler mes vœux, mais dont l'organisation ne fut pas une chose simple, car il fallait transporter et faire vivre un groupe d'hommes sur ces terres privées des éléments nécessaires à la vie.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navicateur*, p. 76).

14 «Nous étions vingt-cinq chasseurs, marins, montagnards, serviteurs» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navicateur*, p. 80).

15 Relativamente à cronologia das diversas intervenções que deram origem à estrutura portuária que conhecemos como Molhe da Pontinha, pode ler-se que, «Na parte ocidental da baía do Funchal, vários rochedos formavam uma pequena abra, onde as embarcações se abrigavam do mau tempo. Foi nesta ponta de rocha, chamada Pontinha, que talharam o primeiro cais de desembarque, em 1766, protegido por uma muralha iniciada em 1757, que ligava à terra o Ilhéu de S. José. [...] Mas as obras na zona da Pontinha continuaram, efectuando-se, entre 1885 e 1889, a ligação do Ilhéu de S. José ao de N. Senhora da Conceição, originando o primeiro porto de abrigo. Entre 1934 (27 de Março) e 1939 (10 de Março), teve lugar a terceira fase de ampliação que incluiu a abertura dum túnel através do Ilhéu de N. Senhora, e, finalmente, de 1957 a 1962, acompanhando o desenvolvimento económico da Ilha, construiu-se o último troço do molhe.» (SILVA, 2002, «Resenha histórica», p. 37).

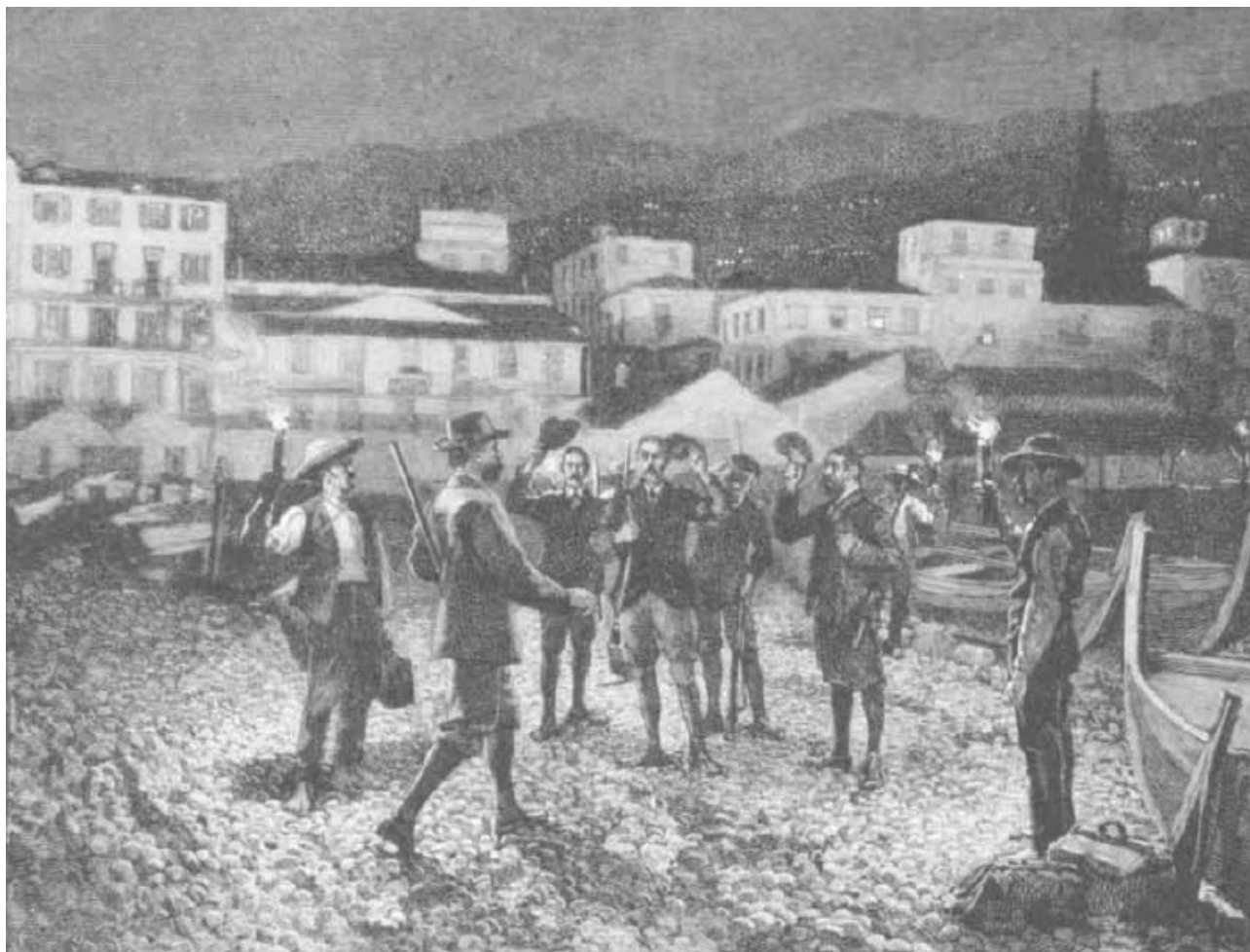
16 FERRAZ, 1994, *Dinamismo Sócio-Económico do Funchal na Segunda Metade do Século XVIII*, p. 43.

17 «C'était sur la plage fortement inclinée de Funchal, où des cailloux bondissaient sous le roulement des lames [...]. Les marins se cherchaient en trébuchant, autour d'une embarcation échouée que devait conduire à bord, et leurs voix résonnaient contre la façade des vieilles maisons du quartier maritime.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navicateur*, p. 76-77).

18 «Nous allions embarquer suivant la façon pittoresque de Madère quand on ne veut pas se rendre pour cela bien loin, derrière l'abri d'un Ilot.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navicateur*, p. 77).

Figura I* . [Ponto de Encontro no Calhau do Funchal, por L. Tinayre.]

* Os títulos das figuras que aqui exibimos, relativos à obra *La Carrière d'un Navigateur*, são de nossa autoria.



Fonte: MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 77.

reflectir que, embora a Figura I apresente várias embarcações varadas, este não seria o local mais indicado à época para o transbordo de pessoas e bens, principalmente em períodos em que o mar se encontrasse mais revolto.

No que concerne ao processo de colocação da canoa na água, este é descrito como sendo realizado com os passageiros, bagagem e marinheiros já instalados na embarcação, enquanto vários homens seminus – distribuídos por ambas as bordas – esperam por um período de calmaria na rebentação para correr, impulsionando a canoa até ao mar. Este deslocamento é realizado sobre uma série de traves de madeira – com a finalidade de diminuir o atrito –, facilitando assim o deslizamento até o mar. Logo que a embarcação ganha alguma flutuabilidade, os marinheiros começam a remar de forma a fugirem

aos perigos da rebentação¹⁹. Salientamos que esta forma de colocar as embarcações na água pode ser observada, ainda hoje, em algumas zonas costeiras da Madeira. Este relato é suportado pela Figura II que representa o momento da entrada da embarcação na água. A reprodução de tochas seguradas por alguns indivíduos, juntamente com a indicação de que, após o embarque, alguns membros desta expedição terão aproveitado para dormir, indicam que toda esta acção terá decorrido de noite²⁰.

19 «Passagers, marins et bagages sont installés dans un canot à sec sur le haut de la plage; plusieurs hommes demi-nus s'attellent de chaque bord et, choisissant une accalmie dans la succession des brisants, ils précipitent le tout vers la mer sur une série de rouleaux en bois que facilitent le glissement. Dès que le canot flotte, son équipage force de rames pour franchir la zone dangereuse.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 77-78).

20 «Mes compagnons, gens d'imagination paisible, ne perdirent pas trois minutes et leur souffle résonna bruyamment sous des

Figura II. [Embarque no Calhau do Funchal, por L. Tinayre.]



Fonte: MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 79.

Em termos gerais, relativamente aos perigos desta prática, o Príncipe refere que a falha no tempo de entrada na água fazia com que a proa da canoa abicasse, submergindo tudo. Mais informa que «os marinheiros, habituados a estes acidentes apressam-se, como simples banhistas em torno de passageiros para os ajudar. Quanto aos bons nadadores, preferem manter-se ao lado dos destroços e esperar o socorro de uma outra embarcação»²¹.

O processo de desembarque oferece, segundo o Príncipe, um risco ainda mais elevado. Aponta que isto se deve aos marinheiros se encontrarem numa

posição baixa em relação à água, e assim terem maior dificuldade em visualizar o momento oportuno – na rebentação – para varar a embarcação. Afirmar que, em caso de erro, a canoa, envolvida pela ondulação, é atirada transversalmente sobre a praia «rolando como um barril»²².

Albert I do Mónaco testemunha ainda que, «durante o dia, existem grupos de bois com os seus tratadores que auxiliavam nas manobras de variação». Descreve esta tarefa afirmando que o tratador avançava no mar para alcançar uma corda que se encontrava amarrada à proa das canoas que chegavam. Com esta corda atada, os bois avançavam pela praia puxando a embarcação, de forma a não dar tempo a que as vagas a envolvessem. Para os barcos de maio-

bonnets rabattus sur leur nez.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 79).

21 «[...] quand le patron manque son coup, l'avant du canot fait la cuillère: tout est submergé. Les marins, très habitués à cet accident s'empressent alors, comme simples baigneurs, autour des passagers qu'ils aident à échouer sans dommage pour leurs côtes. Quant aux bons nageurs, ils préfèrent se tenir en panne à côté de l'épave et attendre le secours d'une autre embarcation.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 78).

22 «L'atterrissage offre plus de péril parce que les marins sont trop bas sur l'eau pour juger le moment opportun. En cas de méprise, le canot aventuré parmi des lames très fortes devient leur proie; il est pris et repris par elles jusqu'à ce que, tombé en travers, il soute roulé comme une barrique sur la grève.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 78).

Figura III. [Chalupa, por L. Tinayre.]



Fonte: MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 81.

res dimensões eram utilizados, neste processo, até oito bois. O Príncipe recomenda a observação destas práticas, não só pela precisão com que são executadas, mas também pelo terror dos passageiros que desembarcavam pela primeira vez na Madeira, especialmente na ocorrência de alguns dos acidentes acima mencionados²³.

Percurso entre a Ilha de Madeira e as Ilhas Desertas

A Figura III que apresentamos representa o barco – uma chalupa – que foi utilizado para o transporte do Príncipe e dos seus companheiros até às Ilhas Desertas. Esta embarcação com propulsão mista começou o seu trajecto impulsionada pela força braçal de doze marinheiros que, distribuídos pelos seis remos disponíveis, se revezavam no esforço de manter a chalupa em movimento. Os remos, descritos como volumosos e pesados, eram equilibrados com a ajuda de uma grande pedra amarrada junto ao punho para que o esforço despendido no exercício de remar fosse menor. O autor relata que este movimento contínuo sobre a amurada de madeira produzia, a longo prazo, um imenso ruído, sendo silenciado com a colocação de água na zona de fricção, quando o baru-

23 «Pendant le jour, il y a des attelages de bœufs trotteurs qui aident à ces manœuvres; le bouvier s'avance le plus loin qu'il peut dans la mer, il accroche prestement un trait dans la proue du canot arrivant, les bœufs partent sans laisser le temps aux vagues de reprendre celui-ci, et la charge entière grimpe en une seule bordée. Quatre, six ou huit bœufs sont employés pour de grandes embarcations, et la précision de ces atterrissages est toujours intéressante. L'effacement des passagers qui débarquent ainsi pour la première fois vaut bien aussi un coup d'œil, surtout si quelqu'une des susdites circonstances a transformé le canot en baignoire.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 78).

lho se tornava insuportável²⁴. No interior desta barca encontrava-se uma pedra – estrategicamente coloca – onde o cozinheiro, que o Príncipe diz chamar-se Manuel, acendeu um pequeno fogo. Sobre esta lareira improvisada um marinheiro segurava – para não entornar com a ondulação – um pote com água onde Manuel preparou o almoço dos tripulantes. Albert I do Mónaco relata ainda que «sobre as caixas, os sacos e os bancos em redor», foram colocados todos os utensílios necessários à refeição²⁵.

Albert I do Mónaco refere várias vezes a penosidade sentida na realização da jornada até às Desertas. A lentidão da travessia, a maresia, mas principalmente o confinamento a um pequeno espaço apinhado de pessoas e bens tornaram esta travessia difícil²⁶. No meio destas dificuldades refere ter realizado algumas interessantes observações da fauna marinha do arquipélago. Relata que da embarcação podiam ser observados cardumes de pequenos peixes, que irrompiam da superfície tentando escapar às hordas de atuns que os perseguiram, saltando fora de água para os capturar²⁷. Este cardume era também atacado por aves marinhas que, atraídas pelo frenesim, mergulhavam às centenas sobre as presas, interrompendo a caça para se envolverem em disputas pelo alimento²⁸. A agitação aumentava gradualmen-

te, quando o Príncipe afirma ter avistado três cachalotes que exibiam o seu dorso sempre que vinham à superfície respirar. Estes mamíferos deslocavam-se lentamente «desaparecendo num lado e reaparecendo no outro, cruzando este ajuntamento em todas as direcções, como caçadores entre presas numerosas e de fácil captura»²⁹. Albert I do Mónaco afirma que estes cetáceos não mostravam qualquer receio em relação à embarcação e que, ao realizarem estes percursos, aproximaram-se imprudentemente, facto que gerou alguma apreensão entre os tripulantes³⁰. Após esta ocorrência um pouco de vento fez encher as velas e assim os marinheiros puderam parar de remar e descansar³¹.

Decorridas 16 horas de viagem encontravam-se junto à Deserta Grande³². O Príncipe menciona que esta ilha parecia não apresentar qualquer ponto de desembarque e, após uma tentativa falhada devido à ameaça de naufrágio da pequena canoa nas rochas, decidiram alcançar um outro local para descer, que aqui apresentamos na Figura IV, e que o autor refere ser do lado leste da ilha³³. Podemos observar ainda nesta representação iconográfica relativa ao desembarque, e também na seguinte, as dificuldades que existiram para atingir o local onde se iriam fixar os membros da expedição. Albert I afirma que o desembarque foi realizado numa pequena plataforma fechada por todos os lados, com espaço apenas para os membros da expedição e suas bagagens, tendo sido necessário, para sair deste local, efectuar uma pequena escalada utilizando uma corda amarrada à

24 «Les avirons, sur lesquels agissaient une douzaine de marins, étaient massifs et lourds; aussi, pour que le déplacement de Leur équilibre coûtât, moins d'efforts, leur poignée portait une pierre énorme. Et la longue les produisait ce va-et-vient sur le plat-bord provoquait à la longue les gémissements du bois, qu'il fallait faire taire avec de l'eau quand ils devenaient insupportables.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 80).

25 «Avec l'aide de son vaste chapeau mou, dont il fit d'abord une cheminée, puis un soufflet, il alluma du feu sur une large pierre posée dans ce but au fond du bateau; et, pendant que de l'eau chauffait dans la marmite qu'un marin soutenait au roulis, il tirait de ses paquets tout le matériel nécessaire pour notre déjeuner qu'il étala complaisamment sur les caisses, les sacs et les bancs d'alentour.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 81).

26 «Nous fîmes alors quelque toilette, car l'air marin couvre la peau, surtout pendant le sommeil en plein vent, d'une moiteur visqueuse dont nous étions pressés de nous défaire, malgré la difficulté d'élargir nos gestes dans une embarcation bondée de corps et de biens.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 82).

27 «[...] on voyait des colonnes entières de poissons minuscules s'élancer hors de l'eau pour fuir, en sautillant de proche en proche, les hordes de thons qui les chargeaient par derrière et qui bondissaient souvent eux-mêmes pour happer les fuyards jusque dans les airs.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 82).

28 «Les oiseaux marins, mangeurs insatiables, [...] Ils plongeaient par centaines, en poussant des cris, sur la proie que les thons semblaient leur rabattre, et n'interrompaient la chasse que pour se livrer entre eux à des duels où le vaincu dégorgeait quelque belle pièce au profit du vainqueur.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 82).

29 «Oiseaux et poissons tourbillonnaient plus nombreux à chaque instant, lorsque trois grands cétacés, des cachalots sans doute, parurent non loin de là. Tantôt l'un, tantôt l'autre, souvent les trois ensemble montraient sur la mer leur dos noir, chaque fois qu'ils venaient vider leurs fosses nasales. Ils circulèrent longtemps et sans hâte, disparaissant d'un côté pour réparaître ailleurs, croisant leurs voies en tout sens comme des chasseurs au milieu de proies faciles et nombreuses.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 82).

30 «Ces randonnées les amenaient si près de nous et ils montraient pour notre chaloupe une telle insouciance que nous en étions un peu troublés.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 82).

31 «Sur ces entrefaites, un peu de brise ayant ridé la mer, nos voiles s'arrondirent et les marins cessèrent de ramer puis le sommeil les surprit et courba leurs têtes sur la poignée de leurs avirons, qu'ils tenaient encore pour attendre que cette brise incertaine s'affirmât.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 83).

32 «Nous naviguons depuis seize heures dans une étroite promiscuité [...] La Grande Déserte se dressait déjà comme une muraille [...]» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 83).

33 «[...] nous fîmes une vaine tentative: la houle, quoique faible, manqua briser sur les rochers le frêle canot qui nous accompagnait [...]. On reprit la mer pour gagner un autre point, sur le versant oriental de l'île [...]» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 83).

Figura IV. [Desembarque na Deserta Grande, por L. Tinayre.]



Fonte: MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 85.

Figura V. [Escalada na Deserta Grande, por L. Tinayre.]



Fonte: MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 87.

cintura³⁴ (na Figura IV podemos encontrar, além do local de desembarque, a representação da escalada realizada pelos membros da expedição).

Na viagem de regresso à ilha da Madeira, o Príncipe refere um episódio ocorrido com o velame que obrigou a que a embarcação tivesse de ser propulsio-

nada pelos remos. Uma nota interessante a quando da chegada à costa madeirense, e devida a este incidente, foi a que aponta o envio de um pedido de auxílio ao Funchal – Albert I do Mónaco não regista como esta mensagem foi transmitida – para que um rebocador fosse enviado, de forma a ajudar a embarcação a realizar a parte final do trajeto.

Fauna e Flora

Em *La Carrière d'un Navigateur* o autor faz, por várias vezes, referência a algumas das espécies animais e vegetais com as quais se deparou durante a estadia no Arquipélago da Madeira. Observamos não

34 «On accosta le rocher et l'on se hissa, non sans y perdre quelques bribes de ses habits, sur une plate-forme qui dominait la mer en présentant une surface juste assez large pour nous recevoir avec nos bagages, mais qui semblait totalement close de partout ailleurs. [...] l'un des montagnards, appliquant au rocher ses pieds nus, brunis, éraillés comme du vieux cuir, puis ses mains longues et nerveuses, atteignit, avec l'adresse d'un singe, une corniche qui surplombait notre misérable débarcadère; puis déroulant jusqu'à nous une corde tournée à sa ceinture, il nous signifia de le rejoindre par le même chemin.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 84).

QUADRO I.* Artrópodes Colectados na Madeira pelo Príncipe Albert I do Mónaco no ano de 1888

Nome da Espécie		Nome Comum	Local de Colecta
Por Boliver	Actual		
<i>Anisolabis annulipes</i> Pallas	<i>Euborelia annulipes</i> (Lucas, 1847)	Tesourinha	Funchal
<i>Forticula auriculária</i> Linné	<i>Forficula auricularia</i> Linnaeus, 1758	Tesourinha	Deserta Grande
<i>Gryllus bimaculatus</i> De Geer	<i>Gryllus bimaculatus</i> De Geer, 1773	Grilho	Deserta Grande
<i>Gryllus burdigalensis</i> Latreille	<i>Modicogryllus burdigalensis burdigalensis</i> (Latreille, 1804)	Grilho	Funchal
<i>Loboptera decipiens</i> Germar	<i>Loboptera decipiens decipiens</i> (Germar, 1817)	Barata	Funchal e Deserta Grande

Fonte: BOLIVER, 1892, «Orthroptères provenant des voyages de S. A. Le Prince de Monaco [...]», p. 49.

* Para a elaboração deste quadro utilizamos, para além do artigo BOLIVER, 1892, «Orthroptères provenant des voyages de S. A. Le Prince de Monaco [...]», pp. 46-49, com os dados relativos ao nome da espécie e local de recolha, os seguintes estudos com informação sobre o nome actual: BORGES, 2008, *Listagem dos fungos, flora e fauna terrestres dos arquipélagos da Madeira e Selvagens*; LANG, 1991, «On the taxonomy and biogeographical aspects of the Dermaptera of Madeira», pp. 121-148; HINKS, 1961, «Dermaptera», pp. 17-20; BRINDLE, 1969, «The Dermaptera of the Azores and Madeira», pp. 5-24; PRINCIS, 1963, «On the Blattariae of the Azores and Madeira», 19-24. Utilizamos também o sítio da internet *Orthoptera Species File Online* (<http://orthoptera.speciesfile.org/HomePage/Orthoptera/OrthopteraHomePage.aspx>, acessado a 19 de Abril de 2013). Agradecemos à Dr.ª Ysabel Margarita Amaro Gonçalves, Técnica Superior do Museu de História Natural do Funchal, a colaboração na identificação das espécies.

haver preocupação na descrição e identificação dos espécimes observados durante esta campanha. Esta situação é compreensível pelo facto de não se tratar de uma obra de cariz científico e também pelo facto de ter sido uma expedição realizada com fins recreativos ou, se quisermos, desportivos – a caça. Não obstante, um artigo publicado em 1892 por Boliver³⁵, que apresenta cinco espécies de artrópodes recolhidas na Madeira pelo Príncipe durante a estadia – que apresentamos no Quadro I –, demonstra o interesse constante deste pelas questões ligadas às ciências naturais. Albert I do Mónaco relata ter sido molestado, durante a primeira noite na Deserta Grande, por legiões de artrópodes, individualizando os «cloportes» – Bichos-de-Conta – por terem sido os principais responsáveis pelo incómodo sentido³⁶.

Ainda relativamente aos artrópodes, mas da classe Arachnida, refere ter encontrado uma enorme tarântula com um tórax de «veludo negro» que, sentindo-se ameaçada, levantou suas patas dianteiras adquirindo uma posição de defesa³⁷. Podemos deduzir que Albert I do Mónaco se refere à espécie *Hogna ingens* (Blackwall, 1857), com o nome comum de aranha-lobo da Deserta Grande, espécie endémica desta ilha confinada ao Vale da Castanheira³⁸.

As várias menções às aves avistadas permitem-nos identificar quatro famílias mas apenas uma espécie em concreto: A família Laridae, identificada quando o Príncipe relata o avistamento de uma gaivota que pairava para «melhor observar os peixes em ascensão»³⁹; a Fringillidae, pelo avistamento de

35 Referimo-nos ao artigo BOLIVER, 1892, «Orthroptères provenant des voyages de S. A. Le Prince de Monaco [...]», pp. 46-49.

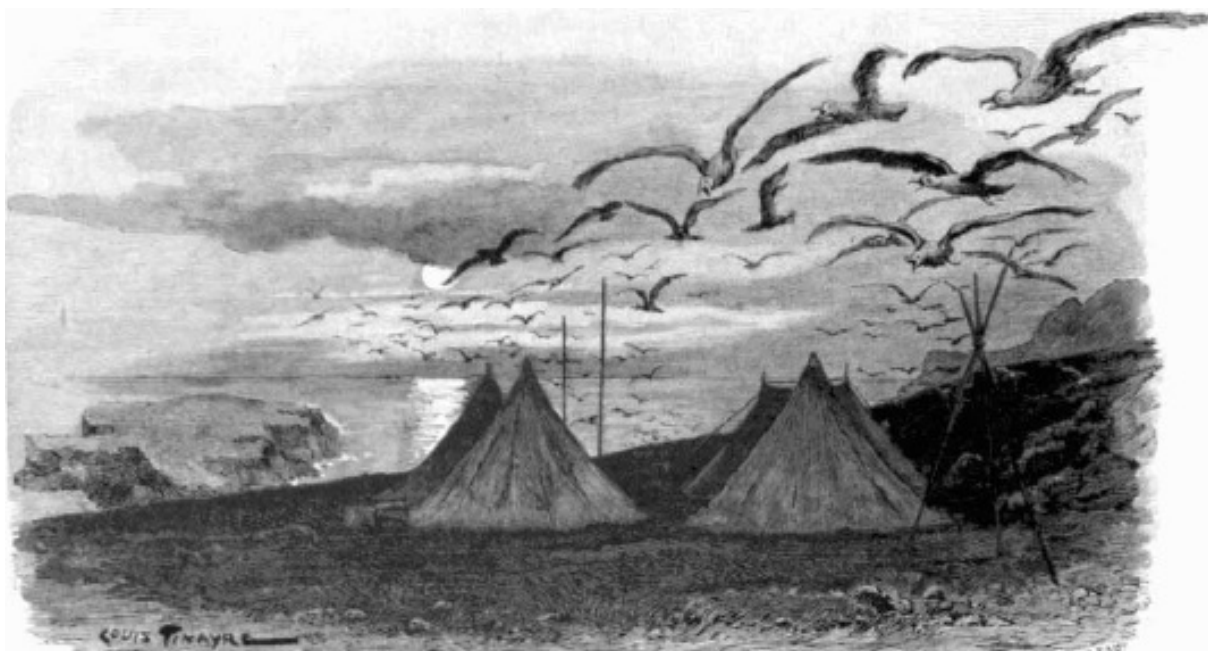
36 «[...] les régiments d'insectes condamnés au vagabondage par le déplacement des cailloux qui avaient protégé leurs réduits. Des cloportes surtout; me chatouillaient encourant sur peau avec leurs nombreuses pattes, ou bien en cascadeant par tous les replis de ma personne quand une alerte les faisait se rouler en boule.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 90-91).

37 «[...] qu'une tarentule, un géant parmi cette foule, faisait face, toute seule, au danger en arc-boutant sur ses pattes son horrible corps de velours noir.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 106).

38 ARAÚJO, 2009, *Aranhas do Arquipélago da Madeira*, p. 19.

39 «C'était un goéland qui tournoyait dans l'espace pour mieux voir la montée du poisson et qui frisait parfois, avec des cris stridents, les cimes où j'appuyais mes pieds.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 106).

Figura VI. [Cagarras Voando Sobre o Acampamento na Deserta Grande, por L. Tinayre.]



Fonte: MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 103.

canários que diz serem «exploradores destas terras ingratas»⁴⁰; a Columbidae e a Falconidae, quando refere pombos selvagens a serem desalojados de uma caverna por um falcão que os perseguia⁴¹; e por fim, a Procellariidae, única família à qual conseguimos identificar uma espécie, a *Calonectris diomedea borealis* (Cory 1881), com o nome comum de Cagarra. No que concerne a esta espécie, o autor aponta os sons característicos realizados – enquanto dormiam no acampamento – pelos indivíduos durante a noite⁴² (a Figura VI ilustra este acontecimento, apresentando o momento em que, durante a noite, o bando de cagarras sobrevoava o acampamento), e também a

forma como foi realizada a sua caça por alguns membros da expedição. Refere que alguns montanheses, munidos com paus, escavavam as tocas dos coelhos – onde coexistem as cagarras – fazendo-as sair, e que, ofuscadas pela claridade, eram capturadas, colocadas em um saco e posteriormente levadas para a Madeira onde eram procuradas por colecionadores europeus⁴³. Salientamos a importância desta última afirmação, por ser a primeira vez que encontramos referenciada a existência de uma demanda deste tipo em relação a esta espécie. Um outro uso, este mais comum e muitas vezes presente nos escritos com alusões à cagarra, prendesse com a captura dos juvenis para salga⁴⁴ e posterior consumo pelos grupos sociais mais pobres⁴⁵.

40 «Puis un vol de serins, explorateurs malheureux d'une terre ingrate, qui déridaient un moment la sévérité du lieu par leur gazouillement et par le sifflement de leurs ailes.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 106).

41 «C'était ensuite une bande de pigeons sauvages, délogés d'une caverne par un épervier qui les suivait à tire-d'aile en égrenant ses petits cris aigus.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 106).

42 «Mais, vers minuit, on fut réveillé par un bruit étrange qui planait dans l'atmosphère: c'était un entre-croisement de voix plaintives et narquoises, toujours plus nombreuses [...] des pétrels étaient les auteurs du tapage; ces oiseaux marins hantent pendant la nuit les montagnes solitaires, et la surprise de nous y trouver avait dû provoquer leur conversation bizarre.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, pp. 102-103).

43 «[...] je vis nos montagnards s'arrêter devant un terrier qu'ils fouillèrent avec des bâtons. Je m'étonnais qu'ils eussent la prétention de prendre ainsi des lapins, quand je vis un gros oiseau sortir d'un air maussade mais tranquille, et, tandis que ses yeux éblouis clignotaient à la lumière, un Portugais s'en emparer, lui lier le bec et le plonger dans un sac. C'était un pétrel, un de ces oiseaux qui, durant la nuit, venaient ricaner au-dessus de nos tentes [...]. Nos hommes les prenaient pour les rapporter à Madère où ils sont demandés par les collectionneurs d'Europe.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, pp. 108-109).

44 «[...] et de jeunes pétrels dont ils font des salaisons;» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 104).

45 No que concerne a este uso podemos encontrar referências em:

No que concerne aos mamíferos, além dos cachalotes (*Physeter catodon*), já mencionados, e das cabras (*Capra hircus*⁴⁶) – relembramos que a caça desta última foi a razão pela qual esta expedição foi organizada –, Albert I do Mónaco faz referência a outras duas espécies existentes na Deserta Grande. A primeira pertencente à família Leporidae – o coelho (*Oryctolagus cuniculus*⁴⁷) – referida anteriormente a coexistir com as cagaras⁴⁸. E a segunda consiste num exemplar da espécie *Felis silvestres*, família Felidae – gato selvagem –, observado aquando a procura de uma presa⁴⁹. Ainda relativamente aos mamíferos, achamos curioso o facto de Albert I do Mónaco não referir uma das espécies mais características desta ilha, a foca monge (*Monachus monachus*).

A faina realizada pelos membros desta expedição nas imediações das Ilhas Desertas fizeram com que o Príncipe se referisse a estas águas como estando repletas de peixe⁵⁰, ainda que infelizmente não apresente qualquer pista sobre as espécies aí capturadas. O artigo de Collett⁵¹ refere a realização, por parte do Príncipe, de uma pequena colecção de peixes que haviam sido capturados, na sua maioria à linha, por pescadores ao largo do Funchal nos anos de 1888 e 1889. Esta pequena lista – representada no Quadro II – vem dar um pequeno contributo sobre a recollecção realizada no ano de 1888, e adicionar algumas espécies de peixes à única pista dada pelo autor no seu escrito *La Carrière d'un Navigateur*, que nos permite chegar ao género *Thunnus*, os atuns já referidos anteriormente.

QUADRO II.* Peixes Colectados na Madeira pelo Príncipe Albert I do Mónaco no ano de 1888

Nome por Collett	Nome actual	
	Científico	Comum
<i>Blennius sanguinolentus</i> Pall.	<i>Parablennius sanguinolentus</i> (Pall.)	Caboz
<i>Gobius paganelus</i> Lin.	<i>Gobius paganellus</i> Lin.	Caboz
<i>Scymnus lichia</i> (Bonnat.)	<i>Dalatias licha</i> (Bonnat.)	Gata
<i>Spinax pusillus</i> (Lowe)	<i>Etmopterus pusillus</i> (Lowe)	Gata-preta

Fonte: COLLETT, 1890, «Sur Quelques Poissons Rapportés de Madère par le Prince de Monaco», pp. 218-224.

* Para a elaboração deste quadro utilizámos, para além do artigo COLLETT, 1890, «Sur Quelques Poissons Rapportés de Madère par le Prince de Monaco», pp. 218-224, alguns estudos sobre a ictiologia dos mares da Madeira: ABREU, BISCOITO, 1998, «A vida nos mares da Madeira» pp. 5-14; NUNES, 1974, *Peixes da Madeira*. Utilizamos também o sítio da internet *FishBase* – *List of Marine Fishes for Madeira Islands*, disponível online em http://www.fishbase.org/Country/CountryChecklist.php?c_code=620A&vhabitat=saltwater&csub_code=, acedido a 19 de Abril de 2013.

Albert I do Mónaco manifesta pela flora um menor interesse comparativamente ao apresentado pela fauna. Esta constatação prende-se com o facto de apenas referir, um líquen (a urzela) e uma espécie de árvore encontrados na Deserta Grande. Apresenta a urzela dizendo que esta era recolhida perto dos precipícios e usada como corante⁵², e também a existência de alguns pinheiros⁵³. Relativamente a esta última observação, uma obra de Koebel de 1909 apresenta a imagem, aqui reproduzida (Figura VII), e que mostra a existência de pinheiros na Deserta Grande.

SARMENTO, 1836, *As Aves do Arquipélago da Madeira*, p. 118, e em SILVA, MENESES, 1978, «Cagarra (*Puffinus kuhli*)», vol. 1, p. 176.

46 Nome da espécie de cabra existente na Deserta Grande (OLIVEIRA, P., 2012, «Eradication and control vertebrate [...]», p. 46).

47 Nome da espécie que existiu na Deserta Grande (COOK, 1980, «A note on the diet of feral cats on Deserta Grande», p. 2).

48 «C'était un pétrel, un de ces oiseaux qui, durant la nuit, venaient ricaner au-dessus de nos tentes et qui visitent, durant le jour, la demeure des lapins, avec lesquels ils vivent d'accord.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, pp. 108-109).

49 «[...] un chat sauvage cherchant une pierre chauffée au soleil, pour étaler sa fourrure pendant qu'il affûtait des lapins.» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 106).

50 «[...] on jeta quelques lignes que eurent bientôt remonté de ces fonds poissonneux les éléments d'un repas» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 116).

51 Referimo-nos ao artigo COLLETT, 1890, «Sur Quelques Poissons Rapportés de Madère par le Prince de Monaco», pp. 218-224.

52 «[...] un peu d'orseille qu'ils retirent des précipices pour en faire une teinture» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 104). Os fungos denominados na Madeira de urzela pertencem às espécies *Nemaria fuciformis*, *N. rocella* e *N. fucoides*, sendo as duas primeiras colhidas principalmente nas ilhas Desertas (SILVA, MENESES, 1978, «Urzela», vol. 3, p. 359).

53 «[...] deux douzaines de pines maritimes chétifs, en rangs serrés [...]» (MONACO, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, p. 104). A obra de Koebel de 1909 testemunha a presença de algumas árvores do género *Pinus* na Deserta Grande (KOEDEL, 1909, *Madeira Old and New*, p. 211).

Figura VII. The Desertas: The Pine Copse, [por Mildred Cossart].



Fonte: KOEBEL, 1909, *Madeira: Old and New*, p. 37.

Considerações Finais

Os resultados publicados das expedições científicas e das pesquisas dos naturalistas que visitaram a Ilha da Madeira durante o século XIX são, inequivocamente, uma importante fonte para o conhecimento, não só da História Natural deste espaço insular, mas também da sociedade madeirense da época. O relato realizado pelo Príncipe Albert I do Mónaco, que aqui apresentamos, é um exemplo que, embora tendo por objectivo principal a descrição de uma aventura de caça ocorrida na Deserta Grande, apresenta informações relevantes sobre a História Natural do Arquipélago da Madeira e também o Porto do Funchal. As notas que nos permitem inferir sobre as estruturas portuárias existentes, e as descrições pormenorizadas de como eram realizados o embarque e o desembarque de mercadorias e passageiros dão-nos uma visão da forma como, neste período, eram efectuadas estas actividades, e também das dificuldades e perigos respectivos.

No que concerne à História Natural, o texto relativo à Madeira na obra *La Carrière d'un Navigateur*, apresenta na realidade pouca informação sobre as

espécies de fauna e flora encontradas pelo Príncipe no ano de 1888, contendo apenas alguns apontamentos da vida animal e vegetal avistada no âmbito da expedição de caça. Não obstante, a afirmação da existência de uma procura, por parte de coleccionadores europeus, da espécie *Calonectris diomedea borealis* (Cory 1881) – Cagarra – apresenta-se-nos como uma revelação importante, pelo facto de, nas diversas obras por nós já estudadas, nunca termos encontrado qualquer informação deste cariz.

Para terminar, gostaríamos de referir que alguns escritos, como os de Boliver e Collett citados anteriormente, demonstram, efectivamente, a realização de investigações relativas à História Natural do Arquipélago da Madeira, por parte de Albert I do Mónaco, no ano de 1888. Por este facto, julgamos que seria importante a realização de um estudo à obra *Résultats des campagnes scientifiques accomplies sur son yacht par Albert 1^{er} prince souverain de Monaco*, de modo a conhecer o trabalho desenvolvido pelo Príncipe na Madeira, a importância deste para o conhecimento oceanográfico dos mares e a divulgação deste arquipélago no contexto internacional.

Bibliografia

- S. A., 1908, «La Carrière d'un Navigateur by Albert Ier Prince de Monaco», in *Bulletin of the American Geographical Society*, vol. 40, n.º 3, pp. 186-187.
- ABREU, António Domingos, BISCOITO, Manuel José, 1998, «A vida nos mares da Madeira», in *Isleña*, n.º 23, pp. 5-14.
- ARAÚJO, Ricardo (coord.), 2009, *Aranhas do Arquipélago da Madeira – Guia da Exposição*, Funchal, Museu Municipal do Funchal.
- BORGES, Paulo A. V., ABREU, Cristina, AGUIAR, António M. Franquinho, CARVALHO, Palmira, JARDIM, Roberto, MELO, Ireneia, OLIVEIRA, Paulo, SÉRGIO, Cecília, SERRANO, Artur R. M., VIEIRA, Paulo (eds.), 2008, *Listagem dos fungos, flora e fauna terrestres dos arquipélagos da Madeira e Selvagens / A list of the terrestrial fungi, flora and fauna of Madeira and Selvagens archipelagos*, Funchal e Angra do Heroísmo, Direcção Regional do Ambiente da Madeira e Universidade de Açores.
- BRINDLE, A., 1969, «The Dermaptera of the Azores and Madeira», in *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, n.º 23, pp. 5-24.
- CARPINE-LANCRE, Jacqueline, 2004, «Le Prince Albert Ier», in *Centre Scientifique de Monaco*, disponível online em http://www.centrescientifique.mc/cs-mfr/prince_albert1er/rubriques.php, acedido a 22 de Abril de 2013.
- COLLETT, Robert, 1890, «Sur Quelques Poissons Rapportés de Madère par le Prince de Monaco», in *Bulletin de la Société Zoologique de France*, vol. 15, pp. 218-224.
- COOK, L. M., YALDEN, D. W., 1980, «A note on the diet of feral cats on Deserta Grande», in *Bocagiana*, n.º 52, pp. 1-4.
- FERRAZ, Maria de Lourdes de Freitas, 1994, *Dinamismo Sócio-Económico do Funchal na Segunda Metade do Século XVIII*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- GUIMERÁ, Agustín, VIEIRA, Alberto, 1997, «El sistema portuario-mercantil de las islas del Atlántico Iberico», in *História das Ilhas Atlânticas (Actas da Secção de Arquivos do IV Colóquio Internacional de História das Ilhas Atlânticas)*, vol. I, Funchal, CEHA, pp. 205-232.
- HINKS, W. D., 1961, «Dermaptera», in *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, n.º 14, pp. 17-20.
- KOEBEL, W. H., 1909, *Madeira: Old and New*, London, Francis Griffiths.
- LANG, Christian, 1991, «On the taxonomy and biogeographical aspects of the Dermaptera of Madeira», in *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, n.º 43, pp. 121-148.
- MCKERMAN, Luke, s. d., «Louis Tinayre», in *Who's Who of Victorian Cinema*, disponível online em <http://www.victorian-cinema.net/tinayre>, acedido a 24 de Abril de 2013.
- MONACO, Albert I^{er} Prince de, s. d., *La Carrière d'un Navigateur*, Paris, Librairie Hachette et C^{ie}.
- NUNES, Adão de Abreu, 1974, *Peixes da Madeira*, 2.ª edição, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- OLIVEIRA, Paulo, MENEZES, Dília, 2012, «Eradication and control vertebrate invasive species in Madeira and Selvagens Archipelago: a short review», in *Airo*, n.º 22, pp. 43-48.
- PORTEIRO, Filipe Mora, 2009, «A importância das campanhas oceanográficas do Príncipe Albert I do Mónaco para o conhecimento do Mar dos Açores» in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 18, pp. 189-219.
- PRINCIS, K., 1963, «On the Blattariae of the Azores and Madeira», in *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, n.º 17, pp. 19-24.
- SILVA, Fernando Augusto, MENESES, Carlos Azevedo, 1978, *Elucidário Madeirense*, 4.ª edição, 3 volumes, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- SILVA, Iolanda, 2002, «Resenha histórica», in SIMÕES, Álvaro Vieira (apres. e coord.), *Transportes da Madeira*, Fac-símile da 1.ª ed., Funchal, Direcção Regional de Assuntos Culturais, pp. 25-46.
- VIEIRA, Alberto, 1999, «Descobrir o Atlântico nos Séculos XVIII e XIX», in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LVII, pp. 353-392.
- VIEIRA, Alberto, 1999, *Do Éden à Arca de Noé*, Funchal, CEHA.

Páginas da Internet

List of Marine Fishes for Madeira Islands, FishBase, disponível na Internet via URL: http://www.fishbase.org/Country/CountryChecklist.php?c_code=620A&vhabitat=saltwater&csub_code=, acedido a 19 de Abril de 2013.

Orthoptera Species File Online, disponível na Internet via URL: <http://orthoptera.speciesfile.org/HomePage/Orthoptera/OrthopteraHomePage.aspx>, acedido a 19 de Abril de 2013.